

# O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: COMO MOTIVAR O ALUNO?

## THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER AND THE PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOLS: HOW TO MOTIVATE THE STUDENTS?

Joaquim Martins Junior\*

---

### RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar a importância do professor como motivador no processo ensino - aprendizagem da Educação Física Escolar. Parte-se da premissa de que a Educação Física só será uma disciplina motivadora se o próprio professor de Educação Física dominar os processos de motivação. São estudadas, inicialmente, as características principais desse professor como elemento motivador. A seguir, é abordado o papel do professor como motivador do aluno rumo à prática de uma atividade física esportiva, tendo como ponto de partida a Educação Física Escolar. E, finalmente, é feita uma reflexão sobre o seu papel de conscientizador para uma maior participação do aluno numa prática esportiva continuada não só na escola, mas que, a partir da formação de um hábito, estenda-se para a sua vida além da escola.

**Palavras-chave:** motivação, professor, Educação Física Escolar.

---

### INTRODUÇÃO

Dos fatores que influem para que a Educação Física Escolar seja considerada como uma disciplina altamente motivadora, o professor de Educação Física constitui, sem dúvidas, um dos mais importantes, devido a ser o elemento que vai pôr em prática esse processo.

Numa pesquisa anterior sobre “a Educação Física como uma disciplina motivadora”, alertei que o conhecimento das teorias da motivação deveria ser um dos pressupostos dos professores de Educação Física, para que o seu ensino fosse mais interessante aos alunos, muito embora só esse conhecimento não lhe garantisse uma efetiva aplicação no seu ensino e, tão pouco, os efeitos desejados

No presente estudo, parte-se da premissa de que os professores de Educação Física não estão mais sendo tão motivadores em relação à

importância que se lhe atribui como um agente da motivação da Educação Física Escolar.

Uma observação superficial da sua atuação na escola nos mostra que as suas aulas não têm sido motivantes no sentido de levar o aluno a uma prática que lhe dê prazer e satisfação.

E porquê? Na aula, os professores não propõem conteúdos novos, inovadores, criativos ou que acompanhem o modismo imposto pela mídia. Já não propõem atividades extraclasse em quantidade ou qualidade capaz de, a partir da Educação Física Escolar, predispor o aluno a ingressar nas equipes competitivas da escola ou a continuar praticando uma atividade física na comunidade.

Quando o professor assume a função de técnico escolar, nem sempre é organizado, segue as regras do jogo, acompanha a equipe, segue os horários estabelecidos. Problemas estes que, muitas vezes, influem na participação ou no rendimento da sua equipe e que não motiva o

---

\* Professor Doutor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná.

aluno a continuar praticando uma atividade física regularmente.

É certo que uma série de fatores contribui para a diminuição desse seu importante predicado. Questionam-se, porém, quais são as variáveis que influem nesse seu desempenho e o que pode ser feito para que o professor seja realmente o motivador que dele se espera.

Julga-se, portanto, necessária e oportuna uma reflexão sobre esse seu papel.

### **A MOTIVAÇÃO E SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

A importância da motivação para o professor de Educação Física tem sido estudada em todo o mundo por autores, como Simons (1994), Moreira (1995), Martins Junior (1996,1998) e muitos outros.

Em estudos anteriores, observei que, embora importantes, as teorias da motivação para o professor não podem ser mais do que pontos de orientação que facilitam a tomada de decisões em situações práticas. E que os estudos que o professor realiza sobre a motivação pode auxiliar mais na preparação anterior ou posterior das aulas do que na aplicação do ensino, pois o planejamento das suas atividades não pressupõe somente conhecimento teórico, como também, a prática em grupos de treinamento ou de autoexperimentação.

É de se pressupor então que, antes de mais nada, o professor de Educação Física deve estar conscientizado do seu papel de motivador e que as teorias da motivação devem fazer parte da sua filosofia de ensino.

Analisando o conceito de motivação, Serpa (1990) afirma que essa seria o construto teórico que permite compreender o comportamento esportivo do indivíduo e que, somente após conhecer as razões pelas quais escolhem determinadas atividades e nelas persistem com grande intensidade, o professor poderá escolher eficazmente as técnicas capazes de influenciar a persistência dos indivíduos nas atividades e na intensidade que se dedicam a elas.

Partindo-se da premissa de que o professor de Educação Física é um dos responsáveis pela motivação esportiva do aluno, a sua atuação deveria, primeiramente,

fazer com que as suas aulas fossem tão motivantes que levassem o aluno a gostar de praticar uma determinada atividade física e que, num continuum, mantivesse essa prática, mesmo ao deixar de ser aluno da escola ou atleta, mas como cidadão comum, ou até que viesse a ingressar num curso de Educação Física ou a trabalhar em diferentes campos de trabalho na comunidade, como:

- . técnico esportivo em clubes e associações;
- . professor de academias gimno - esportivas e de danças;
- . dirigente de clubes e associações;
- . preparador físico de clubes e associações ou preparadores físicos particulares;
- . professor de escolinhas de iniciação esportiva;
- . árbitro esportivo;
- . massagista;
- . empresas ligadas à indústria e comércio de materiais esportivos;
- . consultoria esportiva;
- . empresas ligadas ao marketing esportivo;
- . empresas de comunicação social (rádio, jornais, televisão);
- . empresas de promoção de eventos esportivos;
- . e muitas outras.

Ao abordar este assunto, quero demonstrar que a atuação do professor de Educação Física não se restringe somente às suas atividades na Educação Física Escolar, como também prestando serviços ou propondo convênios com os outros setores da comunidade acima listados, em cargos de direção na escola e, muitas vezes, em cargos políticos nas associações de pais e mestres, associações comunitárias ou outras. E que é investido nesses cargos devido talvez à sua característica de líder, capaz de motivar não só os alunos como também os demais professores.

Devido aos pré-requisitos que o leva para o curso de Educação Física, quando lá ingressa, e/ou devido a sua formação acadêmica, é comum o professor de Educação Física transferir para as suas aulas, na escola, aspectos das outras funções que exercia ou que exerce na comunidade. Assim sendo, se foi ou é, por exemplo, jogador de basquete num clube, professor de ginástica aeróbica numa academia

ou coreógrafo de danças em algum grupo folclórico ou de balé, tende a ministrar preferencialmente essa atividade nas suas aulas de Educação Física e a incentivar o aluno a se iniciar nessas práticas.

E porque ocorre tal situação? A falta de uma remuneração, na escola, condizente com a sua formação leva o professor a se desinteressar pelas atividades escolares, limitando-se a só cumprir mecanicamente o seu papel de professor. Nessas ocasiões, procura a comunidade, para lá exercer uma das funções acima e complementar o seu orçamento. Fato que o leva, muitas vezes, a dar preferência por essa segunda função, transferindo para lá a sua motivação. Assim sendo, a motivação do seu aluno nas turmas de Educação Física é esquecida ou fica diminuída.

Por isso, para motivar o aluno a praticar uma atividade física e, na sequência, a escolher e exercer uma das funções da lista acima, não basta ser ou ter sido um bom atleta ou “achar” que entende de esportes. É necessário que a sua formação o habilite para conhecer os aspectos específicos de funções tão diversificadas, como as já nominadas, e adquira, enquanto acadêmico, os princípios da motivação necessários para incentivar, no seu aluno, o hábito da prática das atividades físicas e não simplesmente “fazer as aulas de Educação Física”.

### A FORMAÇÃO DO PROFESSOR MOTIVADOR

No processo de formação do professor desta disciplina, espera-se que, no final do curso, ele seja possuidor de requisitos como cultura geral, preparo especializado e habilitação em educação física, vocação e aptidões específicas para o trabalho docente.

Tenho sugerido que o professor cultive desde a escola (e que continue) o “saber universal”, que não se limite somente a se especializar numa determinada atividade ou modalidade esportiva, mas que conheça também as “ciências mães” que formam a ciência desportiva. Quanto mais saber puder transmitir aos alunos, mesmo em assuntos corriqueiros, essa atitude irá influenciá-los positivamente em relação à Educação Física.

Assim sendo, para ser um motivador, o professor de Educação Física deveria possuir uma formação tal que o conduzisse a algumas das seguintes competências que, segundo Meinberg, 1988, p. 3), fazem parte do rol do professor de Educação Física:

- **Transmissor** - as suas funções não se devem restringir ao ensino de técnicas grosseiras dos esportes mais conhecidos, mas ensinar a aprender que, após o período escolar, o aluno saiba organizar o seu esporte e também o dos seus parentes, vizinhos e amigos;
- **Educador** - o professor deveria não só transmitir, mas também ser um protetor, advogado e procurador da criança e, para tal, a sua personalidade deveria estar adequada ao seu ensino, sobressaindo-se pela alegria, justiça, amor ao trabalho e aos alunos;
- **Avaliador** - ao ter de atribuir uma classificação ao aluno, o professor assume-se como um juiz do rendimento das outras pessoas; função que lhe ocupa mais tempo e lhe traz mais problemas;
- **Orientador** - o professor deve assumir um papel de conselheiro, tanto do esporte como da própria carreira escolar e profissional do aluno, não devendo, porém, assumir-se como substituto do pai, mas o de um seu companheiro;
- **Inovador**- essa característica não consiste só em introduzir coisas novas, mas também em discutir, refletir e modificar o que já existe. Não deve permanecer sempre na mesma rotina, mas estar atento às transformações da sociedade. Se a sociedade mudou, se o aluno mudou, também o professor deve mudar.

Após passar por um curso de Educação Física, se o professor aproveita (ou não) todas as diferentes tendências lá aprendidas e, com o tempo, estabelece a sua própria filosofia de trabalho.

Concordo com a teoria (Corbin, 1980) de que, para estabelecer uma filosofia de ensino, o professor de Educação Física deveria se interessar primeiramente pelos diferentes aspectos que compõem o seu campo de atuação, dos quais se destacam os biológicos, os comportamentais, os religiosos, os culturais, os políticos, os legais, os industriais, os tecnológicos e os filosóficos.

Esses e outros motivos levaram Medina (1983, p. 88) a afirmar que os cursos de Educação Física deveriam proporcionar, além das informações técnicas sobre os diversos esportes, conteúdos esclarecedores das dimensões intelectuais, sensoriais, afetivas, gestuais e expressivas. Em suma, que proporcionassem aos futuros professores os requisitos necessários para serem democráticos, autênticos e promoverem uma educação integral e permanente.

Reforço, então, a premissa de que importa ao professor, antes de se especializar em uma ou duas disciplinas, possuir uma sólida cultura geral<sup>1</sup> para bem entender e auxiliar o seu aluno. Para isso, deveria levar do seu curso de Educação Física uma sólida formação geral, nunca parar de estudar (reciclar-se) e, durante a sua carreira, pesquisar sempre novas teorias sobre como ensinar e motivar o seu aluno.

#### PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: TÉCNICO OU EDUCADOR

Anos atrás, os professores de Educação Física, preocupados sobre a excessiva ênfase atribuída aos treinamentos esportivos na escola, questionavam quem educa mais: o professor que atua como técnico desportivo ou o professor que ministra a Educação Física Escolar?

A esse respeito, houve sempre duas correntes antagônicas: uma, que preconizava que o esporte de alto nível deveria começar na escola, e outra, que, ao contrário, asseverava que a escola não deveria estimular o treinamento esportivo, mas, sim, a formação corporal e o despertar das vocações esportivas do aluno.

Naquela ocasião, os intelectuais da Educação Física preconizavam que, antes de formar atletas, a Educação Física Escolar deveria formar o cidadão, para viver na comunidade e ser sujeito da sua própria vida.

<sup>1</sup> Além dos conteúdos específicos da Educação Física, entendo que este professor deveria dominar a língua portuguesa, para poder pesquisar as teorias da educação e da motivação, além de uma ter uma base sólida num idioma estrangeiro, para se manter atualizado com a literatura internacional.

Essas e outras premissas levaram, por algum tempo, a uma preocupação dos cursos de Educação Física em formar professores que realizassem, na escola, um trabalho onde aliassem a formação das vocações e, ao mesmo tempo, formassem esse cidadão.

Atribuiu-se a esse professor a denominação de professor educador, que Faria Junior já havia definido como um elemento incentivador, orientador e controlador das atividades formativas e informativas dos alunos, auxiliando-os nos seus programas de ensino. Esse autor sugeriu mais tarde (1987, p. 15) que, talvez, devido a essa preocupação, os professores de Educação Física tenham sido, por algum tempo, classificados em técnico, especializado e instrutor, denominações cuja análise superficial nos indica que:

- **professor técnico** – seria aquele mais dirigido ao produto final da aprendizagem do que ao processo de ensino. A sua preocupação principal seria a de utilizar as aulas de Educação Física para a formação de novos atletas para as equipes escolares, dos clubes ou do município. Inscreve-se (ou não) em cursos de formação de técnicos esportivos para completar a sua formação no esporte que escolheu;
- **professor especializado** – se inseriria no processo da educação do aluno, participaria nas ações escolares e buscaria se atualizar, participando em cursos de aperfeiçoamento e de especialização em técnicas de ensino;
- **professor instrutor** - não se interessaria nem pelo treino esportivo nem pelo processo educacional do aluno, limitando-se a utilizar, no seu ensino, os conhecimentos adquiridos na sua formação ou na sua vida esportiva anterior.

Decorridos mais de uma década desde que essa premissa foi levantada, questiona-se se essa classificação ainda não perduraria nos meios escolares.

Essas e outras reflexões levam a que, antes de se discutir a formação ideal para o professor (licenciado ou bacharel), dever-se-ia, repensar a sua atuação na escola e nas outras funções que exerce paralelamente, pois é sabido que, em cada um desses locais, comporta-se diferenciadamente.

### O COMPORTAMENTO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O ecletismo das disciplinas dos currículos dos cursos de graduação, a vocação dos acadêmicos que nele ingressam e, por outro lado, a falta de especialização num dos ramos da Educação Física levam, os professores de Educação Física, ao se formarem, apresentarem uma diferença de comportamento em relação aos professores das outras disciplinas.

Essa questão tem sido alvo de inúmeros estudos, como o de Sack (1975), ao verificar, após realizar dez pesquisas a esse respeito que em oito delas, os professores de Educação Física revelaram comportamentos diferentes: emocionalmente mais estáveis, dominantes, mais extrovertidos, entusiastas e com tendência para um sentimento de culpa, revelando, ainda, um aventureirismo maior.

Ou o de Mialaret (1981, p. 56), ao demonstrar que o professor de Educação Física se comporta, muitas vezes, como:

- **Mestre** ou transmissor de conhecimentos;
- **Treinador**, ao transmitir um mínimo de conhecimentos, mas levando o aluno a se exercitar nesses conteúdos;
- **Guia**, ao ministrar um mínimo de conhecimentos, mas sugerir também métodos para aumentar esses conhecimentos;
- **Supervisor**, quando propõe trabalhos e supervisiona a sua realização;
- **Centro de documentação**, ao deixar o aluno trabalhar à vontade, fornecendo-lhe subsídios quando é solicitado.

Essa variedade de comportamento nos leva a questionar se efetivamente esse professor possui condições para ser um motivador em áreas de atuação tão específicas, como as já referidas anteriormente, ou outras, onde se aliam ao conhecimento cognitivo e psicomotor, outras, como os afetivos, os psicológicos e os sociais.

Por esse motivo é que a Educação Física atual proclama, cada dia mais, a importância de um professor com características específicas para as diferentes atribuições que freqüentemente são criadas na comunidade, cujos reflexos são sentidos logo a seguir na escola (Noguera et al., 1987), como o recepcionista, o *personal trainer*, o professor de

academia e outros, com processos de motivação específicos para cada uma.

Assim sendo, questiona-se então: mas afinal o que é ser um professor motivador e qual deveria ser a sua atitude na escola?

### A ATITUDE DO PROFESSOR MOTIVADOR

Uma pesquisa realizada por Neves (1982, p. 45) entre estudantes universitários, com a finalidade de caracterizar o melhor e o pior professor que tiveram durante a sua vida escolar, do ponto de vista da capacidade de motivá-los, demonstrou que:

o melhor professor é aquele que revela competência, sensibilidade, interesse, amizade, amor, comunicabilidade, maturidade e outros itens menos destacados. Por sua vez, o pior professor demonstra incompetência, agressividade, inacessibilidade, prepotência, desinteresse e imaturidade.

Assim sendo, das principais influências que o professor exerce nos alunos, destaca-se a necessidade de que o aluno tem de amor, compreensão e amizade, enquanto que atitudes, como a agressividade e a prepotência, são consideradas como frustração para o aluno.

Muitas vezes, a necessidade de competência é perturbada pela incompetência, pela imaturidade e pela inacessibilidade, o que constitui um fechamento à comunicação; a necessidade de maturidade emocional e de comunicação na relação professor - aluno é frustrada pela imaturidade do professor como pessoa e pela sua dificuldade em se comunicar com os alunos. Há, porém, a necessidade de interesse e do envolvimento positivo do professor na tarefa de aprendizagem do aluno, em que, tanto o desinteresse é frustrador como aparece junto com a incompetência. Não se pode, entretanto, inferir se o desinteresse gera incompetência ou vice-versa.

Em relação ao professor de Educação Física, entende-se que este deveria assumir uma atitude tal que levasse o aluno a incorporar a prática de atividades físicas na sua escala de valores. Garcia et al. (1987) questionam, porém, se, para este fim:

- poderá esse professor alcançar tal objetivo sem considerar importante a prática dessas atividades? Um professor que não pratica exercícios físicos é capaz de transmitir interesse na sua classe por essas atividades?
- aquele que pratica e transmite a motivação sempre ou na hora da aula se defronta com problemas como controle, sistema de ensino, organização, carga horária e conteúdo?

Nesta perspectiva, Dieckert (1984, p. 162) constatou que muitos professores de Educação Física deixam de ser motivadores porque, com o tempo, deixam de investir na qualidade do seu ensino. Fato que ocorreria ao

deixarem de praticar esportes; nunca fazerem qualquer curso para se atualizarem; não lêem revistas especializadas, literaturas recentes, periódicos ou livros; durante as suas horas livres, não se empenham pela Educação Física na escola, nos clubes ou na comunidade.

Essas ocorrências levam o aluno, ao perceber o desinteresse do seu professor, também a se desmotivar pelas aulas de Educação Física.

Por isso, muitas vezes, tenho-me questionado se um professor motivador não seria um sinônimo de um professor eficaz. Estrela e Estrela (1977, p. 68) definiram muito bem um professor eficaz, ao afirmarem que este costuma apresentar as seguintes qualidades:

saber, rigor científico, humor, atenção às necessidades e dificuldades dos alunos, conhecimento da psicologia do adolescente, espírito crítico, entusiasmo, dinamismo, imaginação e criatividade, abertura, facilidade de expressão, capacidade de organização, domínio dos métodos e técnicas de ensino, compreensão e aceitação dos outros, disponibilidade, autenticidade, autoridade natural, amizade e humildade em aceitar seus próprios erros.

À primeira vista, essa definição parece abranger uma série de qualidades que os professores levam, efetivamente, a motivar

enquanto lecionam Educação Física. Desconhece-se, entretanto, a quantidade de motivação necessária para levar o aluno a se interessar pelas atividades ministradas.

Analisando essa premissa, Pieron (1988) sugere que, para conseguir tal intento, o professor de Educação Física deveria elogiar o aluno de uma forma simples e direta, utilizando reforços adequados em quantidade e qualidade, em função da ação do aluno que se quer realizar; variar as formas de intervenção, evitando a rotina; ao falar ao aluno, empregar frases completas, diretas e pessoais, que demonstrem o seu interesse por ele; coincidindo uma palavra amiga com gestos que revelem essa intenção; evitar os reforços negativos e expressar a sua satisfação de uma forma privada e pessoal, para que o aluno não se sinta manipulado.

O autor infere que, para isso, o professor deveria saber reconhecer a personalidade e as diferenças individuais de cada aluno, para adotar uma atitude motivadora, de acordo com as suas características, sendo esta a capacidade que define a maior ou menor predisposição dos alunos em se interessar pela atividade física.

Para alguns autores, como Kring (1975, p. 23),

a tarefa de motivação do escolar nunca deve ser subestimada. Não se deve nunca ter medo de elogiar os alunos e na transmissão de um conteúdo de ensino, o segredo do sucesso do professor é o emprego de 85% de inspiração e 15% de técnica.

Pode-se, então, inferir que, para ser motivador, o professor não necessita ser um intelectual, mas ser, uma pessoa motivada. É talvez por isso que um professor que, na escola, não se destaca como técnico esportivo, consegue ser, por outro lado, extremamente motivador e um líder para os seus alunos da classe.

Muitos têm preconizado que, para motivar o aluno, o professor deveria se valer de reforços como as satisfações e as recompensas inerentes à própria atividade, como medalhas e troféus e até dinheiro. Porém, sobre as formas com que esses reforços são utilizados, algumas questões podem ser colocadas, como:

- . Deve utilizá-las?
- . Deve discuti-las com os alunos?
- . Deve escolher o tipo de recompensa?

Entende-se que, antes de empregar qualquer artifício para motivar o seu aluno, o professor deve compreender que essa utilização pode acarretar consequências, tanto positivas como negativas.

A experiência tem mostrado que, quando a recompensa é utilizada para auxiliar o aluno a encarar a realidade da vida, a conquistar alguma coisa, a organizar e a integrar valores, é um instrumento positivo. Porém, quando ensina falsas idéias, desvirtua os valores e dissipa as energias, é negativa.

No processo de motivação para a prática da Educação Física, intervém, portanto, uma série de fatores, no conjunto, dos quais se destaca o ato de educar através da prática de atividades físicas.

Com o objetivo de motivar todos os alunos e estabelecer um clima de prazer e de alegria nas atividades que proporciona e criar, assim, um clima favorável a que o aluno prossiga a sua prática, o professor deveria assumir uma atitude saudável perante à vitória e à derrota e desenvolver, nos alunos, esse espírito, para evitar o "stress" provocado pela necessidade de ganhar a todo custo.

Nessa mesma perspectiva, Coelho e Lima (1988) sugerem que os professores deveriam:

- . acentuar o caráter agradável da prática esportiva;
- . controlar a ansiedade e as pressões naturais dessa prática;
- . estabelecer objetivos realistas, alcançáveis pelos alunos;
- . encorajar e elogiar o esforço, os progressos individuais e a tarefa cumprida, ao invés de pedir resultados;
- . proporcionar reforços positivos e estimular o pensamento positivo;
- . ser paciente e tolerante para com as dificuldades de aprendizagem;
- . atender a todos os alunos e não só os mais dotados.

Sabe-se que outros fatores podem ainda desempenhar um papel importante na atuação do

professor motivador, entre eles, a capacidade de motivar o aluno através de conteúdos novos e interessantes, pois ninguém consegue praticar, ano após ano, as mesmas modalidades, os mesmo conteúdos e se manter motivado.

Para Hildebrandt e Laging (1986, p. 40), o professor deveria estar preparado para mudar o ensino em função das necessidades do aluno, de acordo com a sua idade e com as constantes transformações que ocorrem na sociedade.

Autores, como Trapp (1984), Kurz (1985) e Martins Junior (1996), têm sugerido que, para atender as necessidades do aluno e tornar o seu ensino interessante, o professor deveria criar o seu próprio "cenário", ou seja, um ambiente favorável a essa prática na própria escola.

Entretanto, não se pode esperar um ambiente na escola capaz de motivar o aluno para a necessidade de uma educação continuada, quando os próprios professores não estão inseridos nesse processo.

Essa premissa é também defendida por Thomas (1983), ao afirmar que, para o professor motivar o aluno a praticar uma atividade física dentro ou fora da escola, dependerá não só dos seus conhecimentos sobre os processos de motivação, da sua capacidade de aplicá-los nas aulas de Educação Física, como também que possua interesse por essas atividades e que demonstre e justifique esse interesse perante os seus alunos.

Assim sendo, a missão do professor não se deverá limitar ao período normal de escolaridade do aluno, mas a uma constante preocupação, visando a continuidade da sua prática esportiva. Isso implica numa formação adequada do aluno, a fim deste poder desenvolver atividades esportivas não só na escola, como também na sua vizinhança ou comunidade.

Evidencia-se, assim, que a melhor maneira de conseguir com que os alunos pratiquem exercícios físicos ao longo das suas vidas é fazer com que adquiram esse hábito na escola, quando ainda não sofreram a influência do sedentarismo da vida moderna. As aulas de Educação Física deveriam ser mais utilizadas para fortalecer, na mente do escolar, a importância do hábito da prática esportiva regular (Garcia et al., 1987).

Para conseguir tal objetivo, o professor deveria assessorar o seu aluno nas normas de uma vida sadia, uma das quais é a aquisição do hábito de realizar uma atividade física ou esportiva (esporte social), após deixar a escola.

Nessa perspectiva, fica evidenciado que o professor de Educação Física, para ser um motivador, não deveria incentivar só para o rendimento, uma vez que, na escola, somente uns 5% dos alunos praticam esportes visando participar das competições esportivas oficiais. O professor deveria, sim, orientar também para um melhor nível de vida, por intermédio do movimento, do jogo e de outras formas e, assim, realmente contribuir para a formação educacional e cultural do seu aluno

Pode-se afirmar que, na escola, o professor de Educação Física necessita ser um professor com conhecimentos bastante diversificados, a fim de poder manter com o aluno um diálogo não só desportivo, mas também cultural e social e que essa aproximação favorecerá, e muito, o seu papel de motivador.

Esse diálogo como meio de motivar o aluno para a prática esportiva é ressaltado por Dieckert (1985), para quem os professores devem compreender que as habilidades motoras podem ser aprendidas em qualquer idade, visto que as pessoas nunca param de se desenvolver e de aprender. Para ele, os professores nunca devem desistir de tentar motivar o aluno, seja qual for a sua faixa etária. Assim sendo, os alunos deveriam ser estimulados a praticar sempre, pois o tempo que passa na escola é relativamente curto até voltar para a sua vida “normal” na comunidade.

No entanto, uma pesquisa realizada com alunos do segundo grau, hoje ensino médio, Martins Junior, 1996 revelou que essa premissa parece não estar ocorrendo na escola, pois, embora os professores afirmassem procurar motivá-los, a falta de aulas teóricas, de atividades extras e de orientação específica, não indicavam uma conscientização desses alunos para uma prática esportiva regular e permanente, até porque, num prazo de cinco anos, não se verificou uma modificação significativa no conteúdo das aulas de educação física ou nas atividades extraclasse ministradas no Estado do Paraná.

**Tabela 1** - Tipos de aula e de atividades extraclasse ministradas pelos professores de educação física do Estado do Paraná.

| Tipos de aula     | 1988      |            |                     |            |           |            | 1993      |            |                     |            |           |            |
|-------------------|-----------|------------|---------------------|------------|-----------|------------|-----------|------------|---------------------|------------|-----------|------------|
|                   | Prof.     |            | Prof <sup>a</sup> . |            | Geral     |            | Prof.     |            | Prof <sup>a</sup> . |            | Geral     |            |
|                   | f         | %          | f                   | %          | f         | %          | f         | %          | f                   | %          | f         | %          |
| - Inic. Esportiva | 15        | 42.86      | 11                  | 37.93      | 26        | 40.63      | 16        | 41.04      | 15                  | 55.56      | 31        | 46.97      |
| - Ginástica       | 13        | 37.14      | 11                  | 37.93      | 24        | 37.50      | 12        | 30.77      | 4                   | 14.81      | 16        | 24.24      |
| - Recreação       | 3         | 8.57       | 4                   | 13.79      | 7         | 10.94      | 8         | 20.51      | 7                   | 25.93      | 15        | 27.72      |
| - Várias opções   | 1         | 2.86       | 2                   | 6.90       | 3         | 4.69       | 2         | 5.1        | -                   | -          | 2         | 3.0        |
| - Treinamento     | 2         | 5.71       | -                   | -          | 2         | 3.12       | 1         | 2.5        | -                   | -          | 1         | 1.5        |
| - O aluno decide  | 1         | 2.86       | 1                   | 3.45       | 2         | 3.12       | 1         | 3.7        | -                   | -          | 1         | 1.5        |
| <b>Total</b>      | <b>35</b> | <b>100</b> | <b>29</b>           | <b>100</b> | <b>64</b> | <b>100</b> | <b>39</b> | <b>100</b> | <b>26</b>           | <b>100</b> | <b>66</b> | <b>100</b> |

  

| Tipos de Atividades                       | 1988      |            |                     |            |           |            | 1993      |            |                     |            |           |            |
|-------------------------------------------|-----------|------------|---------------------|------------|-----------|------------|-----------|------------|---------------------|------------|-----------|------------|
|                                           | Prof.     |            | Prof <sup>a</sup> . |            | geral     |            | Prof.     |            | Prof <sup>a</sup> . |            | Geral     |            |
|                                           | f         | %          | f                   | %          | f         | %          | f         | %          | f                   | %          | f         | %          |
| - Jogos interclasses                      | 15        | 57.68      | 12                  | 54.55      | 27        | 56.25      | 18        | 46.16      | 17                  | 62.97      | 35        | 53.02      |
| - Jogos internos                          | 6         | 23.08      | 5                   | 22.73      | 11        | 22.92      | 18        | 46.16      | 6                   | 22.23      | 24        | 36.36      |
| - Jogos c/ particip. de alunos e não-als. | 2         | 7.69       | -                   | -          | 2         | 4.17       | -         | -          | 1                   | 3.70       | 1         | 1.52       |
| - Gincanas                                | 1         | 3.85       | 2                   | 9.09       | 3         | 6.25       | -         | -          | 2                   | 7.40       | 2         | 3.03       |
| - Recreio dirigido                        | 1         | 3.85       | 2                   | 9.09       | 3         | 6.25       | 1         | 2.56       | -                   | -          | 1         | 1.52       |
| - Danças folclóricas                      | -         | -          | 1                   | 4.54       | 1         | 2.08       | -         | -          | 1                   | 3.70       | 1         | 1.52       |
| - Jogos na região                         | 1         | 3.85       | -                   | -          | 1         | 2.08       | -         | -          | 5                   | 12         | -         | -          |
| - Nenhuma                                 | -         | -          | -                   | -          | -         | -          | 2         | -          | -                   | -          | 2         | 3.03       |
| <b>Total</b>                              | <b>26</b> | <b>100</b> | <b>22</b>           | <b>100</b> | <b>48</b> | <b>100</b> | <b>39</b> | <b>100</b> | <b>27</b>           | <b>100</b> | <b>66</b> | <b>100</b> |

Esses resultados talvez expliquem o porquê das pesquisas de Martins Junior e Rodrigues (1986), Dantas (1987), Massucato (1988), Oliveira (1989) e Martins Junior, Pereira e Neves (2000) terem concluído, em anos anteriores, que a escola já não é o grande campo de atuação do profissional de Educação Física<sup>2</sup>, pois a prática esportiva comunitária tem crescido de tal forma que as academias e outros locais para a prática das atividades físicas e esportivas conseguem mobilizar a maioria dos professores

E por que tal fato acontece? As pesquisas demonstram (Martins Junior, 1996; 1998) que o aluno procura outros locais para praticar atividades físicas quando faltam, nas escolas, as atividades da sua preferência<sup>3</sup>. A indicação desses locais é, muitas vezes, orientada pelos próprios professores, que, em anos anteriores, os

<sup>2</sup> Esses autores, pesquisando o campo de trabalho dos professores de Educação Física, demonstraram que, na atualidade, mais de 50% dos egressos dos cursos de Educação Física não trabalham em escolas de 1º e 2º graus, mas em outras atividades físico-motoras-esportivas desenvolvidas pela comunidade.

<sup>3</sup> Na sua tese de doutorado (1996), o autor refere que a maioria dos professores de Educação Física ministra nas escolas, pouco mais do que o Futebol, o Voleibol, o Basquete e o Handebol e que, nessa escolha, quase nunca leva em conta a preferência ou o interesse dos alunos.

aconselhavam a buscar os locais constantes na tabela 2 para a sua prática.

**Tabela 2** - Atividades extraescolares que desenvolvem ou que sugerem para a participação dos seus alunos.

| Atividades            | 1988      |            |           |            |           |            | 1993      |            |           |            |           |            |
|-----------------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|
|                       | Prof.     |            | Prof.     |            | Geral     |            | Prof.     |            | Prof.     |            | Geral     |            |
|                       | f         | %          | f         | %          | f         | %          | f         | %          | f         | %          | f         | %          |
| - Jogos e campeonatos | 17        | 56.67      | 18        | 78.26      | 35        | 66.04      | 22        | 64.71      | 16        | 66.67      | 38        | 65.52      |
| - Amistosos           | 8         | 26.67      | 3         | 13.04      | 11        | 20.75      | 6         | 17.65      | 5         | 20.83      | 11        | 18.97      |
| - Excursões           | 3         | 10.00      | -         | -          | 3         | 5.66       | 5         | 14.70      | 2         | 8.33       | 7         | 12.07      |
| - Ativ. Recreat.      | 1         | 3.33       | 1         | 4.35       | 2         | 3.77       | 1         | 2.94       | 1         | 4.17       | 2         | 3.44       |
| -Acampamentos         | 1         | 3.33       | -         | -          | 1         | 1.89       | -         | -          | -         | -          | -         | -          |
| -Convênios            | -         | -          | 1         | 4.35       | 1         | 1.89       | -         | -          | -         | -          | -         | -          |
| <b>Total</b>          | <b>30</b> | <b>100</b> | <b>23</b> | <b>100</b> | <b>53</b> | <b>100</b> | <b>34</b> | <b>100</b> | <b>24</b> | <b>100</b> | <b>58</b> | <b>100</b> |

E ainda que, enquanto, na comunidade, a oferta de novas atividades físico-esportivas crescem geometricamente, na escola, essa oferta cresce só aritmeticamente. Essa falta de oferta de atividades novas e interessantes e que os alunos realmente gostariam de participar influi, com certeza, na sua motivação em relação à Educação Física Escolar.

A vista desses fatos, infere-se que o professor deveria estar em permanente contato com a comunidade, para conhecer a sua preferência e tentar incluir algumas dessas atividades no currículo da Educação Física Escolar, e que a oferta dessas novas atividades tornará, certamente, o seu ensino mais motivante para o aluno.

Entende-se também que, quando o professor, além do ensino, ocupar-se em promover atividades de extensão, promoverá um elo de ligação entre a escola e a comunidade, e essa relação constituirá um importante laboratório para as suas pesquisas, visando um melhor ensino. Se souber fortalecer esse vínculo, poderá obter resultados positivos não só para o seu trabalho, como para a própria Educação Física Escolar.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de os professores de Educação Física serem naturalmente elementos motivadores, a atual conjuntura econômica do país mostra um quadro de desânimo em termos de um ensino motivador.

A ausência da oferta de atividades diversificadas faz com que a Educação Física Escolar se resuma nuns poucos esportes e outras escassas atividades.

Faltam aos professores novas alternativas em termos de conteúdos e procedimentos que tornem a Educação Física mais interessante aos alunos e que os direcionem a uma prática voluntária e continuada das atividades físicas.

A maioria dos alunos não tem sido motivada rumo a uma prática esportiva extraclasse ou para quando deixar os bancos escolares, devido à falta de incentivo do professor de Educação Física, evidenciado pela falta de aulas suficientes, de orientação durante as aulas ou de interesse demonstrado ao ministrar as aulas muito mais como obrigação do que por prazer.

Esses fatos, além de outras variáveis não estudadas, tais como os problemas econômicos, os sociais e a evasão escolar, fazem com que os alunos não mais sejam tão atraídos por essa disciplina e, conseqüentemente, não façam dessa prática, na escola, uma extensão das aulas de Educação Física, como seria desejável, procurando as academias e outras instituições.

Assim sendo, a Educação Física perde, dia a dia, além da orientação e da motivação dos alunos para a prática de atividades físicas e esportivas, a condição de uma disciplina destinada à conscientização do aluno para uma prática regular e continuada, ficando essa prerrogativa a cargo dos médicos (prática esportiva como terapia de doenças) ou da mídia (em função da venda de produtos esportivos).

Para que o professor de Educação Física não continue a perder o seu espaço, fica claro que as suas aulas devem levar à criação de um ambiente favorável à prática de quaisquer atividades físicas e/ou esportivas, de acordo com as aspirações, necessidades ou possibilidades do educando. Para isso, devem ser aproveitados todas as formas, momentos e espaços.

Estes e outros aspectos permitem-nos concluir que o professor bem informado, bem preparado e, principalmente, motivado é um elemento importante para que a Educação Física Escolar seja mais interessante ao seu aluno, além de ser um conscientizador para que este, ao ultrapassar as fronteiras da escola, continue a

praticar uma atividade física no seu lar, na vizinhança e em outros setores da comunidade.

Ao se conscientizar da sua importância como motivador, cada professor de Educação Física estará fortalecendo a luta para o

reconhecimento dessa disciplina, não como mera coadjuvante da escola, mas de importância fundamental no rol das disciplinas formativas do currículo escolar.

---

## THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER AND THE PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOLS: HOW TO MOTIVATE THE STUDENTS?

---

### ABSTRACT

The purpose of this study was to discuss the role of School Physical Education teachers as motivators of the teaching/learning process. It is assumed that Physical Education will only be a motivating discipline if the teacher dominates its motivating processes. This article focuses on the principal characteristics of the teacher as motivator, on his/her role of leading the students to practice sports with the support of Physical Education, and on his/her role of stimulating the students to participate in sports as a life experience even after schooltime.

**Key words:** School Physical Education, motivation, teacher.

---

### REFERÊNCIAS

- COELHO, Olímpio; LIMA, Teotônio. **Princípios orientadores para professores e treinadores e monitores**. Oeiras: Câmara Municipal, 1988.
- CORBIN, Charles. **A textbook of motor development**. 2nd ed. Dubuque: W. C. Brown, 1980. p.306-308
- DANTAS, Estélio H. M. Auto-imagem do professor de Educação Física. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos pedagógicos: educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987. p. 34-40. v. 2.
- DIECKERT, Jürgen et al. **Esportes de lazer: tarefa e chance para todos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984
- DIECKERT, Jürgen; KURZ, Dietrich; BRODTMANN, Dieter. **Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Olhares novos sobre os desportos**. Lisboa: Compendium, 1979.
- ESTRELA, M.T.; ESTRELA, A. **Perspectivas factuais sobre a formação de professores**. Lisboa: Estampa, 1977.
- FARIA JUNIOR, Alfredo G. Professor de Educação Física, licenciado generalista. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos pedagógicos: Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987. p. 15-33. v. 2.
- GARCIA, Candido Del Castilho et al. Diferencia en las motivaciones hacia la docencia y la práctica del ejercicio físico de profesores de Educación Física de BUP. **Revista de Investigación y documentación sobre las ciencias de la Educación Física y del Deporte**. Madrid, 1987, n. 5, p. 25-29, 1987.
- HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas no ensino da educação física** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- KRING, Ray. **Atletismo nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1975
- KURZ, Dietrich. Objetivos e conteúdos da Educação Física. In: DIECKERT, Jürgen; KURZ, Dietrich; BRODTMANN, Dieter. **Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. A atual Educação Física Escolar motiva os alunos para a prática das atividades físico-motoras na comunidade?. **Revista O Professor**, Lisboa, n. 61, 1998, p. 39-47
- \_\_\_\_\_. O currículo dos cursos de Educação Física e a realidade do mercado de trabalho dos anos 2000. **Revista O Professor**, Lisboa, n. 65, p. 35-53, 1998b.
- \_\_\_\_\_. **A escola como centro de Educação Física e de lazer: estudo sobre a prática esportiva continuada na comunidade**. 1996. Tese (Doutorado) – UNESP, Marília, 1996.
- \_\_\_\_\_. O professor de Educação Física como elemento motivador da educação física escolar. **Revista O Professor**, Lisboa, n. 60, p. 38-46, 1998 a.
- MARTINS JUNIOR, Joaquim; RODRIGUES, W. R. **Avaliação do ensino do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**. Maringá: U.E.M., 1986. p. 49-84.
- MARTINS JUNIOR, Joaquim; NEVES, R.G.; PEREIRA, V. R. **Avaliação do ensino dos cursos de Educação Física: um estudo de caso**. Maringá: DEF/UEM. 2000. Trabalho inédito.
- MASSUCATO, José Geraldo. Preferência de prática esportiva dos estudantes do 1º Grau, nível II e 2º Grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 55-58, 1988.
- MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo e "mente"**. Campinas: Papirus, 1983.
- MEINBERG, Eckhardt. **Formação de professores - mudanças**. Porto: Universidade do Porto, 1988. Mimeografado.
- MIALARET, Gaston. **A formação dos professores**. Coimbra: Almeida, 1981.

- MOREIRA, Herivelto. Physical Education Teachers and job commitment: a preliminary analysis. **European Physical Education Review**, v. 1, n. 2, p. 122-136, 1995.
- NEVES, Siloé P. Pesquisa aplicada à teoria de A. H. Maslow. In: \_\_\_\_\_. **Tendências contemporâneas em psicologia da motivação**. São Paulo: Cortêz, 1982. p. 43- 65.
- NOGUERA, M. A. et al. Proposal for new guideline for the study programs of the spanish national institute of physical education. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL DE MOTRICIDADE HUMANA, 25., Lisboa, 1987. **Anais...** Lisboa: AIESEP, 1987. p. 26.
- OLIVEIRA, Amauri A. B. Análise crítica do currículo das disciplinas do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. **Revista O Professor**, Lisboa, n. 130, p. 57-69, 1989.
- PIERON, Maurice. **Didáctica de las actividades físicas y deportivas**. Madrid: Gymnos, 1988.
- SACK, Hans-Gerard. **Sportlich Betätigung und Personalichkeit**. Hamburg: Czwalina, 1975.
- SERPA, Sidónio. Motivação para a prática desportiva. In: \_\_\_\_\_. **Desporto Escolar 1990**. Porto: DGD, 1990.
- SIMMONS, Morton B. G. et al. Observed levels of elementary and middle scholl children's during physical education classes. **Research Quarterly**, v. 23, n. 4, p. 437-441, 1994.
- THOMAS, Alexander. **Esporte: introdução à psicologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1983.
- TRAPP, Wilton. O. Ambiente para esporte e lazer na escola: uma investigação sobre o planejamento de um modelo com a participação de futuros usuários. **Revista Comunidade Esportiva**, Rio de Janeiro, n.33, p. 15-24, 1984.

*Recebido em 02/05/00*

*Revisado em 27/07/00*

*Aceito em 16/10/00*

---

**Endereço para correspondência:** Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná.